



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 2, jul-dez, 2023, pág. 379-403

Grupos terapêuticos on-line: possibilidade de suporte emocional à
estudantes universitários.

Online therapeutic groups: possibility of emotional support to
university students.

Micaela Brandão Póvoa de Araújo
Marciana Gonçalves Farinha

Resumo

No contexto de uma das maiores pandemias da história com o surgimento da COVID-19 em que trouxe consequências epidemiológicas, financeiras, sociais e psicológicas os universitários foram diretamente afetados com as mudanças nos processos de ensino-aprendizagem de forma remota. O objetivo do estudo foi compreender como um grupo terapêutico *on-line* proporcionou fortalecimento de vínculos entre os participantes e favoreceu a tomada de consciência e o processo de mudança diante do sofrimento psicológico vivenciado nesse período. A pesquisa intervenção com método qualitativo teve como base epistemológica o pensamento sobre grupos terapêuticos na perspectiva da Gestalt- terapia em que se analisou as vivências destes estudantes quanto às mudanças ligadas ao momento vivido pela COVID-19 e compreender o processo de identificação dos participantes e como isso contribui para mudanças psicológicas. Desse modo, esse estudo abarcou a reflexão sobre o funcionamento de dois grupos terapêuticos *on-line* realizados pela pesquisadora junto com alunas do curso de Psicologia. Como método de análise dos dados foi utilizado a Analítica do sentido proposto por Critelli. Nesse artigo percebeu-se que o papel da identificação grupal promove espaço de acolhimento e de tomada de consciência para situações de sofrimento vividas no contexto universitário. Sendo assim, o grupo terapêutico *on-line* demonstrou como uma potente ferramenta para ser utilizada no contexto de pandemia para a população universitária como espaço de promoção de saúde e qualidade de vida.

Palavras-chave: COVID-19; saúde mental; universitário; intervenção grupal.

Abstract



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

In the context of one of the biggest pandemics in history with the emergence of COVID-19, which brought epidemiological, financial, social and psychological consequences, academics were directly affected by changes in remote teaching-learning processes. The objective of the study was to understand how an online therapy group strengthened bonds between participants and favored awareness and the process of change in the face of the psychological suffering experienced during this period. The intervention research with a qualitative method was epistemologically based on thinking about therapeutic groups from the perspective of Gestalt therapy, in which the experiences of these students were analyzed regarding the changes linked to the moment experienced by COVID-19 and to understand the process of identifying the participants and how this contributes to psychological changes. Thus, this study included reflection on the functioning of two online therapeutic groups carried out by the researcher together with students of the Psychology course. As a data analysis method, the Sense Analytics proposed by Critelli was used. In this article, it was noticed that the role of group identification promotes a space for acceptance and awareness for situations of suffering experienced in the university context. Therefore, the online therapeutic group proved to be a powerful tool to be used in the context of a pandemic for the university population as a space for promoting health and quality of life.

Keywords: COVID-19; mental health; university; group intervention.

O mundo vivencia uma das maiores pandemias da história com consequências devastadoras e alarmantes em relação a todos os aspectos da saúde com a disseminação da COVID-19. Estudos buscaram compreender o impacto das mudanças geradas pela doença com seus agravos para saúde mental e adoecimento psíquico que trouxe consequências para a população marcados por um contexto de incertezas e falta de segurança. O distanciamento social foi adotado como medidas para proteção da saúde física contra o vírus, porém elas implicam em prejuízos no âmbito da saúde mental para aqueles que seguiram por meses tais restrições (Cunha et al., 2021; Messiano et al., 2021; Noda, 2020).

Diante desse contexto, foi necessária a suspensão das aulas presenciais como uma dessas medidas de distanciamento afetando o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

processo de construção do conhecimento para os estudantes por meio da Portaria nº 343, de 17 de março de 2020, do Ministério da Educação que estabeleceu o aprendizado de forma remota e a paralisação de atividades práticas, até ser revogada pela Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020, que reforçou a necessidade de manter as aulas *on-line* até 31 de dezembro de 2020, e liberou a retomada de estágios de forma remota (Castioni et al., 2021).

Tratando-se de estudantes universitários diante dessas medidas de contenção da contaminação pelo coronavírus percebeu-se impactos na saúde mental gerados pela mudança, pois o distanciamento exigiu alterações nos meios de ensino. Dados da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2021) afirmam que mais de 1,5 bilhão de estudantes em todo o mundo foram afetados pelo impacto do fechamento de escolas e universidades devido à pandemia da COVID-19.

É importante considerar que a entrada na universidade coloca exigências e reivindicações específicas ao jovem ingressante. Esse contexto exige recursos cognitivos e emocionais complexos para lidar com as experiências e desafios inerentes ao seu desenvolvimento educacional e social. Devido às dificuldades encontradas pelos estudantes nessa fase da vida, eles podem apresentar problemas psicossociais como ansiedade, baixa autoestima, depressão, dificuldades de relacionamento, estresse, preocupações excessivas com a faculdade gerando um grande índice de evasão (Borine et al., 2015; Padovani et al., 2014).

Ao que diz respeito sobre grupos terapêuticos para lidar com essas experiências no campo universitário, Cardoso (2009) traz que a pessoa que se coloca no processo grupal pode estabelecer um contato pleno com ela. Ao estarem em grupo, os participantes se colocam



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

numa gama de diversidades, constituem as relações e experimentam novas formas de olhar para sua própria experiência. O grupo como dispositivo de cuidado em saúde mental prioriza a dimensão processual, sendo dinâmico e feito das relações entre seus membros a partir do contexto em que se insere.

Diante da complexidade do universo grupal, é fundamental que as intervenções grupais sejam conduzidas por profissionais experientes, especialmente quando se pretende minimizar as demandas emocionais geradas pela pandemia e ou auxiliar no enfrentamento de algum tipo de sofrimento psíquico no cenário acadêmico, foco deste artigo.

Assim, tem-se como objetivo discutir como ocorre o processo de identificação dentro do grupo terapêutico e compreender como o fortalecimento de vínculos entre os participantes universitários promovem o processo de mudança e tomada de consciência diante das afetações causadas durante a pandemia de COVID-19.

COVID-19 e o impacto da saúde mental dos universitários

Os primeiros relatos de casos da doença foram encontrados na China no final de 2019. No Brasil as primeiras notificações da doença foram emitidas em fevereiro de 2020 pelo Ministério da Saúde. Desde então o Ministério da Saúde se mobilizou criando planos e estratégias de contingência e divulgação de informações, cuidados preventivos e instruções para as pessoas com sintomas de como procurarem atendimento especializado. No mês de outubro de 2022, haviam sido notificados mais de 33.790.698 casos da doença e um total de 678.313 óbitos confirmados (Lipsitch et al., 2020; Ministério da Saúde, 2022).

Quanto ao impacto para a saúde mental, a Organização Mundial de Saúde (OMS) explicita que a COVID-19 não é apenas uma doença com consequências e sequelas físicas, mas que pode ser um



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

impacto longo e prolongado na saúde mental pois houve perdas de familiares, estresse financeiro e efeito do distanciamento. Tem que se levar em consideração que não é apenas o medo do contágio, mas também ser afetado pelo estresse, isolamento, fechamentos dos lugares de socialização como escolas e locais de trabalho com impactos financeiros (Organização Mundial de Saúde [OMS], 2021).

Existem particularidades, individuais e comunitárias ao reagir a situações estressantes. Em um contexto pandêmico, cada um agiu mediante seu repertório comportamental, emocional, de acordo com sua história de vida e a forma de encarar as perdas ao longo da vida. Esses cenários catastróficos predisõem à acentuação de transtornos mentais existentes e de gerar sequelas emocionais em pessoas fragilizadas ou expostas a situações de risco constantes (OMS, 2020).

Dentre as modificações que podem ser elencadas em relação às medidas de distanciamento pode se elencar a mudança da rotina, alteração no ritmo circadiano, presença de maior sensação de medo e insegurança. Além disso, foi evidenciada a ansiedade como o maior sofrimento emocional nesse momento por consequência do distanciamento físico, mudança no padrão de sono, modificações nos hábitos, como aumento de ingestão de álcool e cigarro (Cunha et al., 2021).

Estudos de Loades et al. (2020) demonstram a solidão como uma consequência grave causada pelas medidas de contenção da doença e, que é preocupante ainda entre os jovens, pois esse grupo se desenvolve e se identifica através do convívio entre seus pares necessitando do convívio social para a manifestação de suas habilidades sociais. Também afirmam que a solidão está associada com a instalação de quadros de depressão e outros problemas de saúde mental.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Outro aspecto é o impacto das medidas de contenção e de isolamento resultando em perda de vínculos com pessoas do seu convívio, sentimento de exclusão, sintomas de ansiedade social desencadeando sintomas devido a sensação de ameaça às relações sociais ou a perda do status associado à socialização. Esse tipo de ansiedade está fortemente relacionada à solidão (Loades et al., 2021).

A partir da metade de 2021 os grupos prioritários já haviam recebido a primeira dose da vacina e as atividades restritas até então foram flexibilizadas por meio de decretos federais, estaduais e municipais (Danzmann, 2023). Apesar disso, as consequências dessa crise sanitária eram inúmeras principalmente tratando-se da população universitária.

Especificamente, tratando-se do impacto sofrido pelos universitários, estudo aponta que devido à suspensão temporária das atividades presenciais na universidade, a forma de aprendizagem remota trouxe incertezas quanto à qualidade do ensino, que consequentemente cria sensação de insegurança ao estudante, afetando sua saúde mental diante do futuro incerto. Essa mudança na rotina de forma inesperada reproduz efeitos que a longo prazo podem implicar em sofrimento psíquico e desenvolvimento de transtornos mentais (Messiano et al., 2021).

No que diz respeito ao processo de qualidade de vida dos universitários, Sales et al. (2022) contam sobre os principais domínios prejudicados pela pandemia entre eles: Vitalidade (69,6%); Aspectos Sociais (69,5%); Aspectos Emocionais (66,8%) e Saúde Mental (57%). Esses achados corroboram com a pesquisa de Maia e Dias (2020) com 460 estudantes universitários em Portugal em que foram encontrados resultados por meio de aplicação de escalas que confirmam aumento significativo de ansiedade, estresse e depressão no período de pandemia comparado ao anterior.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Em uma pesquisa com 149 acadêmicos 46,6% relataram desenvolver ou agravar o quadro pré-existente de ansiedade, 138 (92,6%) apresentaram nível de estresse médio ou alto, indicando uma possível relação entre ansiedade e estresse. Quanto ao contexto de pandemia houve várias mudanças na forma de ensino-aprendizagem de maneira abrupta, com a necessidade de adaptação para as atividades *on-line*. O envolvimento com atividades de lazer e físicas em casa diminuíram levando os jovens ao sedentarismo, pois houve o aumento da "virtualização" das atividades por conta do distanciamento de atividades fora de casa (Felippe et al., 2021).

Pensando ainda nas dificuldades no contexto de pandemia, o universitário pode apresentar problemas na comunicação e na relação com seus professores, pais, familiares, sendo possível ser sinais de dificuldades de enfrentamento de estresse entre outros fatores, sendo necessário fortalecer estratégias como relatam Pieh et al, 2021, que o suporte social, o fortalecimento de vínculos (estar acompanhado) durante o distanciamento social se caracterizam como um fator de proteção para o desenvolvimento de sintomas depressivos.

Vivenzio et al. (2022) abordando sobre o perfil de saúde mental dos universitários trazem a vulnerabilidade e sofrimento emocional desses estudantes como uma das dificuldades já enfrentadas cotidianamente e que foram exacerbadas no contexto da COVID-19. Assim, estratégias de cuidados foram articuladas para cuidar de aspectos negativos colocados aos universitários no contexto de distanciamento social, grupos terapêuticos são uma ferramenta para lidar com esse sofrimento. O grupo possibilita os estudantes se colocarem em um espaço seguro de escuta e acolhimento sem julgamentos, buscarem a identificação e interação entre os pares diante de situações comuns vivenciadas no contexto de pandemia.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Carneiro et al. (2020) afirmam que o grupo terapêutico *on-line* é uma possibilidade para os universitários vivenciarem situações e emoções, se colocarem diante de novas pessoas estabelecendo relações de confiança e busca do sentimento de pertencimento. Além disso, absorvem conhecimento e possibilitam estar em contato com novas experiências e estratégias diante da socialização em um espaço acolhedor e voltado para falarem sobre suas questões emocionais.

Ao ser disponibilizado na modalidade *on-line*, o grupo pode facilitar a adesão aos encontros sendo seus diferenciais a acessibilidade, facilidade na conectividade, baixo custo, melhor logística e maior alcance de pessoas. Ainda no contexto de pandemia proporcionou um momento de encontro com outras pessoas considerando-se que as instituições, como escolas, empresas e igrejas, estavam fechadas, o que pode ter gerado sentimentos de solidão e vulnerabilidade (Andrade et al. 2021).

Grupos terapêuticos: reflexões teóricas da Gestalt

Quanto ao trabalho com grupos terapêuticos existe um escopo abrangente para discussão teórica sobre essa forma de intervenção, mas para esse artigo as autoras optaram pelo recorte dessa leitura através da visão de Kurt Lewin com estudos dos pequenos grupos e as contribuições da Gestalt-Terapia.

Para compreensão das relações interpessoais e grupais em um determinado contexto, a psicologia social iniciou com Kurt Lewin e seu entendimento com os pequenos grupos. Ele compreendia o grupo como um campo de forças ou espaço vital, sendo um todo dinâmico, concreto e delimitado que constitui uma rede de relações (Tellegen, 1984).

Essa teoria se propõe a analisar como o direcionamento das ações de alguém se relaciona com o funcionamento do meio que está



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

inserido, que pode produzir percepções diferentes na pessoa. O tempo se apresenta de forma situacional, focado no presente, mas que transita com experiências anteriores e possibilidades futuras. Os aspectos psicológicos que estão presentes devem ser considerados do modo como a pessoa percebe, de maneira que qualquer aspecto particular que se manifeste deverá ser levado em conta sua totalidade, fenômeno que na perspectiva da Gestalt terapia é chamado de relação figura/fundo (Frazão & Fukumitsu, 2013).

O grupo é um organismo dotado do princípio da autorregulação, pois busca seu crescimento, fazer seu caminho e é visto pelos seus membros como um lugar para se regular com o ambiente e diminuir suas tensões. É visto como um campo que se apresenta primeiramente de forma geográfica, o que não tem significado em si, por exemplo, como no momento inicial do grupo, que é apenas um agrupamento de pessoas. Nesse momento ainda, as emoções são aquelas advindas de experiências anteriores e não do presente, experienciando o grupo ainda de forma individual, como um agrupamento de pessoas. Com os encontros grupais a coesão se consolidando as pessoas passam a se relacionar e interagir no grupo de maneira menos individualizada (Ribeiro, 1994).

Processualmente, há o campo psicológico que recebe significado a partir das emoções que afetam o relacionamento presente, conhecido na Gestalt, como o aqui e agora. E, por último, o campo comportamental é o que decorre em função dos anteriores: em relação aos afetos surge um tipo de comportamento (Ribeiro, 1994).

Em relação ao processo grupal em Gestalt-Terapia, Zinker (2007) traz que existem quatro princípios básicos para o funcionamento do grupo: a primazia da experiência grupal em andamento, que é a atenção sobre a experiência de cada indivíduo no grupo como material relevante a ser esclarecido, enfatizado e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

focalizado, pois todo tema vindo para o grupo é sociointerativo; - o desenvolvimento da *awareness* grupal, vista como as preocupações e temas compartilhados em que todos se dão conta em alguma medida daquilo que é colocado para a sua experiência pessoal; a importância do contato ativo entre os participantes; e o uso da experiência interativa estimulada por um líder ativo.

A Teoria de Campo de Kurt Lewin (1999) aborda a dinâmica dos grupos humanos na sua complexidade e traz à luz o campo de forças nela presente. Para Moscovici (2008), ao identificar o grupo como um campo de forças que impulsionam o movimento do grupo para o progresso, dificuldades ou retrocessos, consideram que algumas delas se sobressaem de acordo com cada um. Em um contexto grupal temos duas forças que interagem, as impulsoras e as restritivas (Nunes et al., 2021). Entre as forças impulsoras têm-se o clima favorável, presença de um líder democrático e ativo, comprometimento dos participantes, estabelecimento de confiança e busca de afeto nas relações. Já as forças restritivas limitam a existência do grupo como excesso de cobrança, pressão por resultados, problemas na comunicação, desorganização, falta de planejamento, postura centralizadora e autoritária.

Esses aspectos explicitados acima são decisivos para a definição do funcionamento e do clima grupal. A cultura e o clima caracterizam o próprio ambiente criado e a imagem do grupo que concorrem para a qualidade do comportamento ou desempenho grupal. Ao entrar no grupo, cada pessoa demonstra seus pensamentos, ideais, valores que permitem o processo de identificação ou de conhecimento mútuo que servem para a elaboração de regras (Moscovici, 2008).

É necessário para o grupo a noção estabelecida de interação recíproca e contínua para que estabeleça a coesão grupal, no sentido



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

da compreensão de unidade, que seja dinâmica e complexa. Os membros estão envolvidos num campo de forças que se colocam para o desenvolvimento e amadurecimento do grupo, porém podem, por vezes, existir forças que limitem o movimento do grupo e desfavorecem o clima grupal (Nunes et al., 2020).

Para que possa acontecer o processo de transformação dos participantes é necessária alguma forma de crise ou desequilíbrio para que haja mudanças de percepção para o movimento de novas ideias, sentimentos e comportamentos, processo chamado de descongelamento. Isso promove uma desestruturação de dúvidas e motivação para ir ao encontro do novo e, muitas vezes, contraditório. Esse momento acontece através de comunicação, questionamento, provocações, insatisfações e motivação para se pensar no assunto e conscientizar a pessoa para mudança e resolução de problemas (Moscovici, 2008).

A próxima fase consiste na decisão de mudança e é marcada pela aprendizagem de novas formas de perceber as atitudes e ações. A mudança não é total, mas sim um ajustamento da realidade anterior, retirando o que não era apropriado para o intelecto e o emocional. No momento da incorporação acontece um processo interno que significa a transformação do conjunto como um todo para assim atingir a fase de estabilização que seria manter a mudança para que os comportamentos anteriores não venham à tona, sendo necessário reforçamento para manutenção da mudança (Moscovici, 2008).

Materiais e Método

O presente estudo partiu de reflexões acerca das experiências realizadas a partir do Projeto de extensão TOCA, oferecido por uma Instituição de Ensino Superior (IES) mineira que oportunizou intervenções grupais *on-line* com estudantes de variados cursos de duas instituições. Foram registradas as reflexões referentes ao



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

funcionamento de dois grupos ofertados em horários diferentes (manhã e noite) para abarcar alunos que estudam em período integral e noturno, realizados nos meses de fevereiro e março de 2022, semanalmente, contabilizando um total de sete encontros de cada grupo, com duração de uma hora e trinta minutos cada.

Para a divulgação dos grupos durante duas semanas utilizou-se os recursos digitais como a rede social do projeto, encaminhamento de e-mail para coordenações de cursos, solicitando que divulgassem as inscrições para os graduandos e *site* da instituição. Ao final foram efetuadas 43 inscrições por meio de formulário *on-line* e os grupos se formaram a partir das disponibilidades de horários dos participantes.

Os primeiros encontros contaram em média com 24 estudantes nos dois grupos que foram diminuindo gradativamente, chegando ao final com 13 participantes, sendo 7 pessoas em um grupo e 6 em outro. As justificativas para ausência e desistência do grupo foram justificadas pela falta de tempo, incompatibilidade de horário e acúmulo de atividades acadêmicas.

Os encontros foram realizados por meio da plataforma *Teams* e coordenado por duas equipes que contavam com um psicóloga e três graduandas do curso de Psicologia (estagiária, extensionista e uma aluna de iniciação científica). A faixa etária dos estudantes era de 18 a 47 anos e cursavam Ciências Humanas, Biológicas, Exatas, Agrárias e da Saúde

No primeiro encontro foram solicitados a eles temas que seriam trabalhados durante os setes encontros. Os participantes elencaram: ansiedade e sua relação com o contexto de pandemia, formato de ensino remoto; expectativas e frustrações no período de retorno ao presencial e suas implicações como o retorno a socialização; sobrecarga de atividades e desgaste emocional, estresse,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autocobrança, necessidade de autocuidado, autoconfiança, gestão do tempo e relacionamentos.

O planejamento dos encontros pela equipe de coordenação foram realizados de forma remota em que eram avaliados o encontro realizado e planejado o seguinte. Nessas reuniões de planejamento aconteciam também as avaliações grupais após a realização de cada grupo por meio de preenchimento de relatório das atividades realizadas e percepções sobre as temáticas trabalhadas.

Esse artigo traz os resultados de uma pesquisa intervenção com perspectiva qualitativa em que a análise e interpretação dos acontecimentos grupais utilizou a metodologia proposta por Critelli (1996) em Analítica do Sentido que desenvolve pelo movimento de realização, ou de tornar-se real de um fenômeno em cinco movimentos: desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação.

O desvelamento, visto como o processo de deixar os aspectos virem à tona das as forças que agem no meio para que possam ser desveladas e desocultando-as como forças vitais. Uma vez que as forças permanecem ocultas, elas não têm autorização para se tornar real, permanecendo numa zona obscura ou esquecida (Critelli, 1996).

A revelação, por sua vez, consiste no aparecer o qual é confirmado e conservado em sua manifestação mediante a fala, pois é dela que se torna tangível. O que é desvelado tem apenas seu sentido completo através do existir pela fala, que faz o registro para conservar a revelação (Critelli, 1996).

Sendo assim, o que é desvelado e explicitado precisa ser visto por um outro, trazendo à tona o movimento do testemunho que faz o papel de consolidação. Esse outro faz parte do processo como co-elaborador do sentido não apenas como mero receptor. O indivíduo



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

existe (é um ser real) a partir da coexistência com o outro. (Critelli, 1996).

Na veracização há o processo de alcançar a verdade por meio do interesse dos indivíduos em se convencerem mutuamente das verdades que atribui em relação às coisas, como por exemplo quando algo é colocado como publicamente relevante sendo testemunhado torna-se verdadeiro (Critelli, 1996).

No último movimento, a autenticação é quando o indivíduo faz a consistência dos outros movimentos perpassados. Para que aconteça isso é necessário o processo de experiência individualizada não somente de forma racional, cognitiva, mas pelo emocional, ou seja, pelo modo que se afeta com a experiência (Critelli, 1996).

Esse artigo conta como resultado da pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética. Todos os participantes que continuaram até o final do grupo foram convidados a participar, aceitaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atendendo a Resolução nº 510/2016. Durante o artigo foram citados os relatos dos participantes por meio de nomes fictícios preservando o anonimato.

Resultados e discussão

Os encontros grupais ocorreram na modalidade *on-line*, devido ao fato da IES somente retornar todas as atividades presenciais em maio de 2022. A oferta se expandiu para todo o território brasileiro e o grupo teve alunos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul. Quanto à formação dos grupos as idades variaram entre 18 e 47 anos, mas a maioria tinha entre 20 e 30 anos. De acordo com o gênero, 85% se identificavam com o feminino demonstrando uma disparidade nesse marcador de gênero, em que as mulheres apresentaram maior adesão para o cuidado em saúde mental.

Ao iniciar os grupos os estudantes trouxeram para o primeiro encontro as questões relacionadas às expectativas do grupo e logo



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nesse início já demonstravam compreensão de encontrar um processo de identificação dentro do grupo, “espero que seja um espaço de acolhimento. Para nossas dores, para as nossas angústias. Um espaço de identificação, né? Que por mais que? que somos seres subjetivos... A gente tem dor, dores em comum... durante essa pandemia” (Gabriel).

Além disso, em todos os encontros os estudantes referenciaram o contexto da pandemia como agravante em vários aspectos da vida acadêmica. Ao expressar sobre isso no grupo, traziam como um momento de sofrimento psicológico e de dores que foram compartilhadas e, ao falar, conseguiram ver n outro que essas dificuldades também aconteciam como em “compartilho do mesmo sentimento da Clarice. Entrei em 2021, quando estourou a pandemia e entrei no curso de enfermagem no meio do caos, né? E as minhas expectativas é que esse grupo torne as minhas semanas mais leves” (Ana).

Esses achados corroboram com a literatura em que Gundim et al. (2021) explicita que a pandemia causou mudanças no aspecto emocional e psicológico dos estudantes ligadas aos fatores de isolamento, medo de contaminação e adoecimento e lidar com a possibilidade iminente de morte. Além disso, o afastamento das atividades acadêmicas presenciais foi fator crucial para o aumento do sofrimento psíquico.

No segundo encontro foi trabalhada a temática da ansiedade. Nele foi visto o processo de identificação de sintomas e comportamentos através da experiência do outro. Os participantes falaram sobre não perceberem que alguns sintomas de ansiedade são de fato ansiedade, e que as trocas de experiências ampliaram a percepção daquilo que não era constatado. “Eu me identifico com bastante das coisas que as pessoas colocaram aqui, que eu nem sabia



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

que poderia. Poderiam estar associadas à ansiedade” (Janaína).

“Nossa, eu compartilho muito desses sentimentos que falaram dessas formas de ansiedade, mas principalmente eu acho que quando eu me peguei no pulo (tomei consciência), nossa realmente tava grave” (Emanoel).

O que queria falar, é só um comentário sobre o quanto a ansiedade é uma doença. Eu estava com ansiedade lá dentro da biblioteca. Aí eu saí e fui tirar um eletrocardiograma para ver se tinha algum fundamento físico. Não tinha nada. Era tudo psicológico (Orlando).

Outro aspecto que surgiu no grupo foram as construções de ferramentas ao longo dos encontros em que eles próprios identificavam como estratégias que poderiam ser eficazes para lidar com os diversos sentimentos negativos das experiências que passavam juntos no tempo de pandemia. Como pode ser visto na fala do participante Orlando em que conta como lidou com a ansiedade e compartilhou a experiência com os outros participantes:

E o que que eu estou fazendo para controlar? É... eu, eu olho e vejo que estou com falta de ar, eu saio e vou fazer um alongamento.... É, eu não vou passear na *internet*. Eu saio de perto do computador, vou... faço um alongamento. E depois quando vejo que estou respirando normalmente eu volto. Mas eu só falei disso para ninguém gastar dinheiro com eletrocardiograma (Orlando).

O uso da palavra “compartilho” foi algo observado no grupo, tanto para descrever ações de identificação como para facilitar a compreensão de sentimentos e emoções que puderam ser percebidos de maneira mais consciente. Cardoso (2009) traz que é uma forma que a pessoa demonstra conectar com a sua experiência, que possibilita através do “compartilhar” a possibilidade de um contato autêntico. Esse é um fator relevante no trabalho com grupo pelo fato de constituir dentro do campo com a diversidade de experiências, relações,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

experimenta através do outro e revisita sua própria vivência (Cardoso, 2009).

Quanto a esse processo de identificação é visto que entre os participantes há influências geradas pelos outros participantes do grupo, sendo diversas, mútuas e complexas. Os eventos e assuntos tematizados são experienciados através da reflexão e compartilhamento entre os membros. Isso permite que haja uma cultura e um clima grupal com aspecto de validação do que é dito (Fairfield, 2004).

No terceiro encontro, os participantes construíram uma história conjunta relacionada ao tema autocobrança e eles precisavam construir um dia de rotina de um personagem fictício. Após essa tarefa, surgiram falas de acolher os sentimentos e percepção de limites que foi instigado pelo fato de o grupo trazer à tona questões que alguns tratavam com muita dureza e achavam que os modos de lidar com certas frustrações da faculdade era feita de forma forçada ou punitiva.

Eu acho que é quando a gente compartilha uma dor aqui e tem esse processo de identificação, não é? Os outros passam pelo mesmo e outros já estão ressignificando esses sentimentos. Conforme traz consolo para a gente, eu acho que é isso, tipo, amplia nossa visão. Não é porque a gente está muito fechado aqui. Talvez numa coisa que pode ser muito negativa, mas aí é vê outras pessoas se identificando com o seu sentimento, achando que também pode ser difícil, mas que vai estar ali para apoiar que você tenha uma rede de apoio e que todo mundo vai mudar. Eu acho que isso é importante escutar. Sabe outras perspectivas sobre essas questões? (Gabriel).

Outro aspecto percebido no grupo é o de tomar consciência do que está acontecendo através da identificação com a experiência do outro trazendo a percepção para si. Quanto ao que diz respeito a



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

awareness que se constitui pela consciência de si e a percepção do outro, assim como a consciência do todo no momento presente e estar atento a percepção do mundo, do eu, do corpo e das emoções (Ginger, 1995).

E me identifico e a gente pode se identificar, não é? Então, aqui traz essa questão da gente. Poder se identificar com o que a gente está sentindo, porque sinto que é tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo que eu não tenho tempo para parar e contemplar o que eu estou sentindo e me identificar com isso e apropriar disso também, né? Porque eu acho que esse é o primeiro passo aí para a gente enfrentar (Henrique).

Quanto ao processo de tomada de consciência, é possível ver em “E todos nós conseguimos às vezes nos identificar em alguma questão que o outro está falando e nisso nos ajudarmos” (Letícia).

O conceito de tomada de consciência (*awareness*) se amplifica pois não compreende somente a percepção de si, mas também do outro e do ambiente, assim como ser responsável pelas escolhas dentro desse meio, buscar o autoconhecimento, a autoaceitação e a capacidade de estar em contato (Yontef 1998).

No grupo também aconteceu que através do processo de identificação, os participantes entraram em contato autêntico com a experimentação que permite viver, sentir e experienciar por si mesmo ou através do outro em suas situações, sejam elas temidas ou desejadas (Yontef, 1998), e que pode ser exemplificado no trecho da participante:

Eu me identifiquei muito com as falas do grupo, parece que eu fui preenchendo um monte de coisa pela falta das outras coisas que a pandemia não conseguia me proporcionar, sabe? Só que ao mesmo tempo não fazia sentido nenhum para mim, eu nunca tinha parado para pensar assim. Acho que agora que está vindo essa reflexão



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

assim. Parece que não precisou que ninguém dissesse nada que eu já me sentia acolhida por estar criando essa identificação, sabe? Então, ao mesmo tempo, que me mexe muito, eu me senti muito acolhido por estar me identificando aqui no grupo (Sabrina).

A vivência do outro influencia na percepção e na resignificação e revisitação da experiência, o tornar-se consciente parte do processo de identificação com os demais. Algo que alguém fez pode significar a minha experiência ressoando no que já passei de experiência (Ginger, 1995) O contexto universitário coloca as questões latentes desse período de pandemia e estar em grupo gera o sentimento de pertença e o desenvolvimento da coesão grupal. Saber identificar esses sentimentos e emoções vividos deixa os participantes mais conscientes das experiências e trazendo para o aqui e agora no grupo. Como pode ser observado na fala da participante Clarice:

Esse grupo aqui vai ser uma coisa extremamente nova para mim, porque devido a isso, só tive contato com a parte do EAD na instituição, né? Agora que voltou do ensino híbrido. E como eu disse, né, a gente está num semestre bem... É... Difusos, né? Eu tô no primeiro, no segundo, no terceiro ao mesmo tempo, e eu não tive contato com nada parecido na instituição. Então, por exemplo, ao longo da pandemia, eu me senti muito distante do meu curso. Eu me senti muito sobrecarregada e vai ser muito interessante ver que outras pessoas também tiveram sentimentos a respeito desse período, né? (Clarice).

Essas questões apontadas pelos participantes também se apresentam no estudo de Gundim (2021) em que foram identificados como prejuízos na vida acadêmica nesse período como: a quebra de rotina de estudos, a perda do contato com os colegas, o medo com o atraso de atividades diante por exemplo de adiamento do término do curso, suspensão de aulas práticas e sendo necessário a realização



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

de atividades remotas, que resultam em preocupação no processo de ensino e aprendizagem nessa modalidade (Gundim, 2021).

Para o desenvolvimento desse aspecto de interação grupal e de identificação existem duas estratégias para analisar esses fatos que são a *awareness* e o diálogo que são utilizados como instrumentos terapêuticos primários da Gestalt-terapia. Sendo a primeira uma forma de experiência que pode ser definida aproximadamente como estar em contato com a própria existência, com aquilo que é (Yontef, 1998).

É, não sou psicóloga, mas às vezes uma palavra ali a gente consegue ajudar, né? Alguma questão que eu já passei, que eu posso falar, olha, eu já passei por isso e eu consegui. Dessa forma, talvez te ajude e alguma coisa que eu esteja passando e outras pessoas já passaram ou saibam como é, né? (Fabrícia).

Outro fenômeno que aconteceu no grupo foi o de *feedback* que ajudou a promover também uma tomada de consciência dos participantes como “Eu estou me sentindo muito melhor, muito calma também e eu acho que a participante Letícia trouxe uma palavra que resumiu muito assim, que a identificação, né? A gente se identifica nos temas, então... essas coisas e que a gente não está sozinho” (Bianca).

Yontef (1998) compreende *feedback* como uma maneira de se regular através de uma resposta que o outro oferece em uma determinada situação. Nas intervenções grupais constantemente há o *feedback* entre os membros após uma tarefa ou exposição de alguma situação, isso auxilia o participante a ampliar a consciência de algo que está em questão.

Todo o percurso vivido ao longo dos encontros e analisado por meio dos relatos dos participantes permitiu compreender o processo de tomada de consciência e identificação proporcionado pelo ambiente do grupo terapêutico. Foi possível perceber que os participantes ampliaram suas formas de perceber e apreender as experiências



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

vivenciadas no contexto de pandemia por meio de um espaço seguro e acolhedor.

Considerações finais

Nesse artigo foi evidenciado que o grupo terapêutico se constituiu como uma ferramenta que proporcionou o processo de identificação entre os pares à medida que os participantes fortaleceram os vínculos e começaram a compartilhar sobre suas experiências e questões emocionais envolvidas no contexto universitário. Através do compartilhamento de aspectos emocionais relacionados a esse momento, eles conseguiram buscar a tomada de consciência e o processo de mudança.

É importante salientar que essas intervenções favoreceram o processo de identificação através do compartilhamento de experiências entre os membros que passam por esse contexto de vida acadêmica durante a pandemia e que isso contribuiu significativamente para o processo de *awareness* de cada membro no grupo.

Foi possível perceber que os grupos terapêuticos *on-line* se mostraram como uma potente estratégia adotada para os cuidados de saúde mental dos universitários diante do cenário de pandemia, oferecendo acolhimento e promoção da qualidade de vida desses estudantes. Os encontros grupais proporcionaram momentos de escuta, ampliação de vínculos que facilitaram o processo de tomada de consciência de sofrimento psicológico para que houvesse enfrentamento a esses impactos causados na vida desses estudantes. Pelas demandas trazidas acredita-se ser necessário promover mais espaços de acolhimento e escuta no contexto acadêmico.

Portanto, o artigo traz à luz reflexões sobre intervenções grupais terapêuticas no processo de contribuição de tomada de consciência de um grupo de estudantes que sofreu diversos impactos na saúde



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

mental advindos do contexto de distanciamento social e atividades acadêmicas remotas. Apresenta ainda possibilidades e perspectivas para consolidação de práticas grupais futuras ofertadas no formato *on-line* que ainda possam ser analisadas para beneficiar os estudantes que foram diretamente afetados pela pandemia ou em outros cenários do cuidado em saúde mental.

Esse artigo trouxe as experiências de um projeto de intervenção que teve potencial de alcance em situações que necessitam especificamente de intervenções *on-line* e se inseriu com o uso de tecnologias de saúde, superando as medidas de distanciamento social impostas pelo momento pandêmico, expandindo as fronteiras de cuidado em saúde mental. No Brasil há escassez de trabalhos que exploram a ferramenta do grupo terapêutico *on-line* que traz a característica inovadora deste estudo.

Referências

- Andrade, T. M. R.; Szupczynski, K. P. D. R.; Paganella, R. C. L.; Oliveira, M. S., & Knapp, P. (2021). Intervenção em grupo na modalidade *on-line*: relato de experiência G10 *on-line*. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 17(2), 142-152. <https://dx.doi.org/10.5935/1808-5687.20210027>
- Borine, C. C.; Wanderley, K. S., & Bassitt, D. P. (2015). Relação entre a qualidade de vida e o estresse em acadêmicos da área da saúde. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 6(1), 100-118. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072015000100008&lng=pt&tlng=pt
- Cardoso, C. L. (2009). Grupos terapêuticos na abordagem gestáltica: uma proposta de atuação clínica em comunidades. *Estudos e pesquisas em psicologia*, 9(1), 124-138. <http://www.revispsi.uerj.br/v9n1/artigos/pdf/v9n1a10.pdf>
- Carneiro, L. A.; Stefanini, J. R.; Farinha, M. G.; Santos, K. D.; Mota, T. P. (2020). TOCA- Grupo terapêutico online: relato de uma ação de cuidado em saúde mental para estudantes e profissionais da saúde no contexto de pandemia covid-19. *Seminário Regional de Extensão Universitária da Região do Centro Oeste- SEREX. Universidade Federal de Mato Grosso*.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

https://evento.ufmt.br/download/sub_53efbbf8b15797aaffecb0ae801d1b19.pdf

- Castioni, R., Melo, A., Nascimento, P., & Ramos, D. (2021). Universidades federais na pandemia da Covid-19: acesso discente à internet e ensino remoto emergencial. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 29(111), 399-419. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-40362021002903108>
- Cunha, C. E. X.; Moreira, M. M. G.; Castro, L. R.; Oliveira, L. B. B.; Carvalho, A. S.; Souza, A. M. A.; Ribeiro, M. V. M. R. (2021). Isolamento social e ansiedade durante a pandemia da covid-19: uma análise psicossocial. *Brazilian Journal of Health Review*, Curitiba, 4(2), 9022-9032. <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-409>
- Danzmann, P. S., Vestena, L. T., & Carlesso, J. P. P. . (2023). Consequências sociais, psicológicas e físicas na saúde mental das pessoas idosas na pandemia da COVID-19. *Perspectivas Em Psicologia*, 26. <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/65023>
- Fairfield, M. A. (2004). Gestalt groups revisited: A phenomenological approach. *Gestalt Review. South Wellfleet*, 8 (3). 336-357 <https://doi.org/10.5325/gestaltreview.8.3.0336>
- Felippe, T. O., Spaniol, C. M., Silva, L. A., Calabria, A. C., Ferreira, G. , Carvalho, N. L., Moretti, M., & Bellinati , N. V. C. (2021). Medical student stress during the covid-19 pandemic. *Research, Society and Development*, 10(9). 1-12. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i9.18372>
- Fração, L. M. & Fukumitsu, K. O. (orgs) (2013). *Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas.*(1a ed.). São Paulo :Summus.
- Ginger, S. & Ginger A. (1995). *Gestalt: Uma Terapia do contato.* (5a ed.). São Paulo: Summus.
- Gundim, V. A., Encarnação, J. P., Santos, F. C., Santos, J. E., Vasconcellos, E. A., Souza, R.C. (2021) Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19. *Revista Baiana de Enfermagem*. 35. 1-14. <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.37293>
- Lewin, K. (1999). The dynamics of group action (M. Gold, Ed.). In M. Gold (Ed.), *The complete social scientist: A Kurt Lewin reader.* American Psychological Association. 285–291. <https://doi.org/10.1037/10319-011>



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Lipsitch. M., Swerdlow. D. L., Finelli, L. (2020) Defining the epidemiology of covid-19 — studies needed. *New England Journal of Medicine*. 382(13). 1194-1196. <https://www.nejm.org/doi/pdf/10.1056/NEJMp2002125?articleTools=true>
- Loades, M. E., Chatburn, E., Higson-Sweeney, N., Reynolds, S., Shafran, R., Brigden, A., Linney, C., McManus, M. N., Borwick, C., & Crawley, E. (2020). Rapid Systematic Review: The impact of social isolation and loneliness on the mental health of children and adolescents in the context of covid-19. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 59(11), 1218–1239. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2020.05.009>
- Maia, B. R., Dias, P. C. (2020) Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da covid-19 [seção especial]. *Estudos em psicologia* vol. 37. 2-8. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067>
- Messiano, J. B.; Bergantini, R. F.; Serafim, T. M.; Baptista, V. A. F.; Tambellini, M. E. N.; Bordonal, T. D.; Couto, M. A.; Caldas, H. C. (2021). Efeitos da pandemia na saúde mental de acadêmicos de medicina do 1º ao 4º ano em faculdade do noroeste paulista. *Cuidarte Enfermagem*. 15(1). 43-52.
- Ministério da Saúde (2020). *Boletim Epidemiológico n° 2*. Secretaria de Vigilância em Saúde. <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2020>
- Ministério da Saúde (2022). *Painel de casos de doença pelo coronavírus (covid-19) no Brasil pelo Ministério da Saúde*. Secretaria de Vigilância em Saúde. <https://covid.saude.gov.br/>
- Moscovici, F. (2008). *Desenvolvimento Interpessoal*. (17ª ed.), RJ: José Olympio.
- Noda, Y. (2020) Socioeconomical transformation and mental health impact by the covid-19's ultimate VUCA era: toward the new normal, the new Japan, and the new world. *Asian Journal Psychiatry*. 21(54). 1-2. doi: 10.1016/j.ajp.2020.102262.
- Nunes, F. C., Farinha, M. G., Valentin, F., Barbosa, M. A., & Rua, M. S. (2020). Dinâmica de grupo e pesquisa-ação em saúde: Possibilidades de aplicação. *Millenium*, 2(11), 65-71. <https://doi.org/10.29352/mill0211.07.00273>
- Nunes, F. C., Sousa, J. M, Pinho, E. S., Caixeta, C. C., Barbosa, M. A. Costa, P. A.. Fatores impulsores e restritivos da prática com grupos em serviços comunitários de atenção psicossocial. *Ciência*



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

e Saúde Coletiva. 27(01).183-192. <https://doi.org/10.1590/1413-81232022271.19992021>

Pieh C, O'Rourke T, Budimir S, Probst T (2021) Correction: Relationship quality and mental health during COVID-19 lockdown. *Plos One* 16(9): <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0257118>

Ribeiro, J. P. (1994). *Gestalt-terapia: o processo grupal. Uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística*. (3a ed.). São Paulo: Summus.

Tellegen, T. A. (1984). *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. (2a ed.) São Paulo: Summus.

Vivenzio, R. A., Amorim, A. E. R., Sousa, J. M., Farinha, M. G. (2022). Grupo terapêutico on-line: dispositivo de cuidado para saúde mental de universitários em tempos de pandemia. *Revista De Psicologia*, 13(2), 71 - 79. <https://doi.org/10.36517/10.36517/revpsiufc.13.2.2022.5>

World Health Organization. (2020). *Mental health and psychosocial considerations during the covid-19 outbreak*. <https://apps.who.int/iris/handle/10665/331490>.

World Health Organization (2021). *OMS alerta para "impacto prolongado" da pandemia na saúde mental mundial*. <https://healthnews.pt/2021/07/22/oms-alerta-para-impacto-prolongado-da-pandemia-na-saude-mental-mundial/>

Yontef, G. M. (1998). *Processo, Diálogo e Awareness*. (3a ed.). São Paulo: Summus.

Zinker, J. (2007). *Processo criativo em Gestalt-terapia* (2a ed.). São Paulo: Summus.

**Recebido: 05-2023
em: 01.07.2023**

Aceito: 30-05-2023

Publicado

Autoras

Micaela Brandão Póvoa de Araújo

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Orcid: 0000-0003-3001-5118

Marciana Gonçalves Farinha

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil. Orcid: 0000-0002-2024-7727